

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

FELIPE CASAGRANDE LUCIO

EM MOVIMENTO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE DO
DESENHISTA NA CONTEMPORANEIDADE.

CRICIÚMA, JUNHO DE 2011

FELIPE CASAGRANDE LUCIO

EM MOVIMENTO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE DO
DESENHISTA NA CONTEMPORANEIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof.^(a): Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA, JUNHO DE 2011

FELIPE CASAGRANDE LUCIO

**EM MOVIMENTO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE DO DESENHISTA
NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Aurélio Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof^a. Helene Gomes Sacco Carbone – Mestre em Artes Visuais - (UFRGS)

Alan Figueiredo Cichela – Especialista em Educação Estética – (UNESC)

Àqueles que contribuíram com a minha transformação de pensamento e de identidade, e aos que ainda contribuirão.

AGRADECIMENTO

Meu sincero agradecimento às pessoas que colaboraram de alguma forma neste trabalho. À minha família pela preocupação e apoio constante; à minha namorada Mariane, pelas colaborações significativas e disponibilização de materiais, à minha orientadora Aurélia pela confiança, flexibilidade e dedicação, aos professores e especialistas que contribuíram, transmitindo seus conhecimentos. E também aos meus amigos e colegas que colaboraram incentivando, trocando idéias e dando sugestões. A todos, Muito obrigado!

**“Prefiro mil vezes a impureza que me
põe convivendo com o diferente à
pureza que o exclui.”**

Fernando Cocchiarale

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal provocar o espectador a uma reflexão buscando entender quais os aspectos mais influentes na construção da identidade do desenhista na contemporaneidade, focada no desenho como expressão artística. Este diálogo se dá por meio de produção textual e uma experiência estética proporcionada pela produção visual, em desenho, munida da possibilidade de intervenção do público nesta produção. A pesquisa tem como base os pensamentos de teóricos referentes à identidade no âmbito sociocultural, bem como exemplificações dos pensamentos dos autores, a partir de produções artísticas atuais em desenho. A produção artística é inspirada no próprio embasamento da pesquisa e também nas produções dos artistas referenciais.

Palavras-chave: Desenho. Identidade. Arte. Arte Contemporânea.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. PRODUÇÃO ARTÍSTICA (EM PROCESSO).....	12
FIGURA 2. DETALHE DAS GARRAFAS. (rótulos onde serão inseridos os ícones).	12
FIGURA 3. DETALHE DOS ÍCONES (em processo de criação).....	13
FIGURA 5. SEM TÍTULO. MARIANA ABASOLO.....	29
FIGURA 4. SEM TÍTULO. MARIANA ABASOLO.....	29
FIGURA 6. SEM TÍTULO. MARIANA ABASOLO.....	30
FIGURA 7. SEM TÍTULO. VIRGÍLIO NETO.	30
FIGURA 8. SEM TÍTULO. MARIANA ABASOLO.....	32
FIGURA 9. SEM TÍTULO. VIRGÍLIO NETO.....	32
FIGURA 10. SEM TÍTULO.VIRGÍLIO NETO.....	33
FIGURA 11. SEM TÍTULO. MARIANA ABASOLO.	34
FIGURA 12. SEM TÍTULO. VIRGÍLIO NETO.....	35
FIGURA 13. SEM TÍTULO. MARIANA ABASOLO.	35
FIGURA 14. SEM TÍTULO. DETALHES DA MINHA PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 Um rabisco do conteúdo.	6
2. METODOLOGIA	10
2.1 Do tipo de pesquisa.	10
2.2 Do processo de produção textual.	10
2.3 Da produção Artística.	10
3. O PERCURSO DA ARTE E DO ARTISTA.	14
3.1 O legado da arte, uma riqueza que agrega.....	14
3.2 Arte contemporânea e a boa e nova multiplicidade.	16
4. DESENHO.....	20
4.1 A linha que diz.....	20
5. A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE.	23
5.1 Do artista: indefinida, mas, em movimento.	23
5.2 Identidade na questão da comunicação.	25
5.3 Do desenho.	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
8. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.	41

1. INTRODUÇÃO

1.1 Um rabisco do conteúdo.

Ao pensar em um tema de pesquisa para o TCC, logo me veio à mente as linguagens que eu poderia utilizar. Dentre as diversas possibilidades de expressão que a arte oferece lembrei-me daquela cuja foi uma das principais razões que me fez ingressar no curso de Artes Visuais: o desenho. Uma linguagem que sempre me atraiu de forma diferenciada, tanto por sua estética como pelos seus significados e também pela forma com que cada criador se expressa por meio do traço. Acredito no desenho como marco de grande valor na minha infância e em minha formação perceptiva. Atualmente vejo no desenho a possibilidade de criação e de expressão próprias, sem um compromisso comercial direto. Ao pensar no desenho como linguagem artística, tento imaginar de que forma ocorre a inserção de um desenhista neste meio. Analisando a produção de alguns artistas, pude perceber a identidade como atributo relevante na divulgação destes, de suas mensagens e de suas obras. Se observarmos com um mínimo de atenção as obras de arte e seus respectivos criadores, perceberemos a identidade como elemento peculiar na grande maioria destes. Ela, abastecida de originalidade, repetição e um conceito formado, faz ecoar os atos e pensamentos do artista mundo a fora. *Picasso*¹ é um exemplo disso, após inventar e ostentar o *cubismo*² obteve grande importância na arte, assim como *Mondrian*³ com o *neoplasticismo*⁴ e mais recentemente o *Banksy*⁵, artista urbano, com suas críticas, e bem humoradas intervenções, possuindo uma *identidade própria mesmo sem ser identificado*⁶. E não somente esses, mas outros inúmeros

¹ Pablo Picasso, 25 de outubro de 1881(Málaga, Espanha). Morte: 8 de abril de 1973 (Moulin, França). Foi pintor, escultor, gravurista, ceramista, colagista; e é conhecido como o precursor do cubismo.

² Cubismo é um estilo de pintura no qual as imagens parecem formas geométricas, como triângulos e cubos, e cuja estrutura em geral é criada por uma série de formas aparentemente desconectadas, combinadas a fim de produzir um todo.

³ Pieter Cornelis Mondriaan, 7 de março de 1872 (Amersfoort, Holanda). Morte: 1º de fevereiro de 1944 (Nova York EUA). Foi pintor e figura importante do movimento neoplasticista, conhecido por suas composições quadriculadas e pelo uso das cores primárias.

⁴ Neoplasticismo refere-se ao movimento artístico de vanguarda capitaneado pela figura de Piet Mondrian, relacionado à arte abstrata.

⁵ Banksy, 1975 (Bristol, Reino Unido). É um artista urbano, conhecido por suas manifestações controversas em Estêncil e pelo seu anonimato.

⁶ Grifo do autor: refiro-me a este termo ao fato de o artista de rua Banksy, apesar de manter-se no anonimato, seu trabalho é reconhecido no mundo todo, através de sua identidade como artista.

grandes artistas, que munidos de estilos característicos, além de obterem reconhecimento, também mudaram o jeito de fazer arte. Na contemporaneidade, com a hibridização do ser artístico alimentada pela globalização e massificação das comunicações visuais, o artista acaba encontrando muitas dificuldades para ser percebido e valorizado. Obras que tinham a intenção de serem lembradas acabam passando despercebidas mediante essas situações. É dessa forma que penso na identidade como um importante ponto de exploração, contribuindo com a formação do artista e com a sua visibilidade.

Como entusiasta do desenho e da arte, tenho pretensão de me inserir neste meio. Acredito que uma das formas para me aproximar desse objetivo é buscar e entender os aspectos que me caracterizam como artista, algo que eu possa mostrar e dizer: “esse sou eu”, pois ultimamente, algo que parecia estar me privando de criar, era a carência de uma originalidade, uma poética e também a falta de um estudo mais aprofundado sobre essa linguagem. Penso que a reflexão sobre a condição da identidade do *artista desenhista*⁷ na atualidade, além de agregar auto-satisfação ao artista e valor à sua obra, contribui formação de um olhar sobre si mesmo.

E foi pensando nessa necessidade que decidi propor nesta pesquisa uma reflexão a respeito da identidade, focada no desenho como linguagem artística, buscando compreendê-la no contexto atual. A proposta é focada no seguinte problema: Que aspectos caracterizam a identidade do artista desenhista na contemporaneidade?

Com esse pensamento é que comecei minha pesquisa em arte, para o Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais Bacharelado. Trata-se de um olhar particular, pois aborda minha própria reflexão sobre a identidade artística do desenhista na atualidade, por meio de ponderações sobre essa identidade, aliadas à exemplificações a partir da produção de artistas, e sobre o que dizem os teóricos referentes. Este estudo poderá vir a ajudar a outros, que também procuram entender a identidade artística, desde que se sintam familiarizados com o método dessa pesquisa.

A linguagem artística central dessa pesquisa é o desenho. Para obter embasamento teórico, recorro a autores que refletem sobre a própria linguagem do

⁷ Grifo do autor: Refiro-me a este termo à maneira que uso para mencionar o desenhista que atua no âmbito artístico.

desenho inserida na arte. Tendo como base a arte contemporânea, busquei entender a questão da identidade do artista desenhista na contemporaneidade. Trago referências de autores como Simblet (2004) que faz um traçado desde o estudo prático ao inspirador, do desenho clássico e do contemporâneo; Derdik (2004 e 2007) por trabalhar a questão psicodinâmica do desenho; Hall (2005) que permeia seus estudos sobre identidade cultural na pós-modernidade, além de Cocchiarale (2006) com um olhar bastante atual sobre a arte contemporânea; Salles (2009), falando do processo de produção artística, entre outros teóricos referentes. Trago nesta pesquisa dois desenhistas contemporâneos de *redes sociais*⁸ pelos quais tenho empatia e busco referências, os inserindo num diálogo com os aspectos de identidade que aparecem no desenho, como traço, forma, cor e também buscando identificar elementos de iconografia, de iconologia e influências de contexto sociocultural nessas produções. O intuito desse estudo foi de que ele me servisse não só como reflexão sobre a identidade, mas também como inspiração para a minha própria produção artística, fruto dessa pesquisa e objetivo para a formação do Bacharel em Artes. Minha produção artística é apresentada em desenho procurando dialogar e provocar uma reflexão sobre os aspectos de identidade que aparecem na produção artística do desenhista.

Essa pesquisa está estruturada em capítulos. O primeiro apresenta a metodologia de pesquisa adotada no projeto, mostrando também os processos de criação da produção artística e dissertativa. O segundo traz um olhar sobre as condições de arte e artista servindo-me como alicerce geral para a pesquisa e produção em arte. No terceiro capítulo dialogo sobre desenho com base em teóricos referentes. O capítulo quatro é referente a uma reflexão com base em teóricos que discorrem sobre arte contemporânea, contextualizando-a com as condições de visualização do artista, a recepção das obras pelo público e a identidade na pós-modernidade. O quinto capítulo é focado na questão da identidade do desenhista na arte contemporânea, com embasamento teórico e exemplificando alguns pontos a partir da produção dos artistas trazidos por mim, identificando os aspectos que aparecem em suas produções, observando e refletindo sobre as influências que existem nelas. O sexto capítulo é referente às minhas considerações finais, refletindo sobre o resultado da pesquisa.

⁸ Redes de relacionamento na internet, nas quais artistas e entusiastas da arte expõem seus trabalhos.

Espero que a presente pesquisa contribua para a reflexão e a formação de um olhar mais apurado sobre as diferentes identidades, tanto no desenho quanto nas demais linguagens artísticas na contemporaneidade.

2. METODOLOGIA

2.1 Do tipo de pesquisa.

Este trabalho se insere na linha de pesquisa de Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais Bacharelado. Classifico esta pesquisa como sendo de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, objetivamente exploratória, e quanto a procedimentos técnicos, pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa objetivou a criação de uma produção artística que busca um processo de transformação de pensamento sobre a identidade artística do desenhista na contemporaneidade. Em um primeiro momento foi feito um levantamento de dados históricos sobre arte e artista, buscando entender onde estes se situam na atualidade, seguido da conceituação da arte contemporânea. Logo após, definição de desenho, com base em diversos teóricos e em seguida um diálogo sobre a identidade do artista e do desenhista na arte contemporânea, tendo como exemplo, a produção de dois artistas desenhistas da atualidade.

2.2 Do processo de produção textual.

Até a finalização desta pesquisa, ocorreram muitas dúvidas, mudanças e incertezas, visto que o meu problema inicial era a busca pela identidade. Com o decorrer da pesquisa, fui percebendo que esta busca era um tanto quanto complexa, e demandava um maior espaço de tempo para se concretizar, bem como um número significativo de trabalhos produzidos. Acabei por mudar de tema, de uma busca pela identidade para uma reflexão sobre ela, e, a cada passo dado na pesquisa, eu percebia que tinha feito a mudança certa. A presente produção artística surgiu da junção de várias idéias com que eu vinha tendo anteriormente. Desde a já mencionada mudança de tema à idealização da produção artística, de como eu iria fazê-la dialogar com o público. Durante o processo de produção dissertativo é que a idéia foi se clareando e tomando forma.

2.3 Da produção Artística.

A presente produção artística traz ao espectador uma reflexão acerca da identidade do desenhista na atualidade. Reflexo da identidade do sujeito, a identidade do desenhista aparece como fragmentada, montada, editada, por influências externas, o que a faz estar em constante movimento e transformação. A reflexão que a produção aborda, faz menção justamente a estas influências externas, que podem vir da recepção do público e do crítico, como também das influências do contexto, como o compromisso ético do criador para com este. Tudo isso aliado à individualidade e aos gostos pessoais que o artista adquire com as suas vivências no âmbito cultural, numa sociedade em que as comunicações visuais encontram-se massificadas e hibridizadas.

Para tal proposta busquei dialogar com o espectador da seguinte forma: a imagem a seguir, é referente a um sujeito, que é editado pelas suas ligações com a própria sociedade, isso sendo representado por papéis, em tamanho a4, que juntos, formam a imagem da personagem, que é um desenhista, visto pelo lápis próximo a ele. Mas além de editada, a identidade do desenhista na atualidade, é constantemente modificada. Para representar esse aspecto, o suposto desenhista se encontra em estado de embriaguês quanto às suas criações, em decorrer das mudanças que acontecem na sua identidade. Em alusão a essas mudanças constantes, as garrafas de bebida, as quais o artista consome, possuem rótulos com ícones que são mutáveis por meio de intervenção do público. São ícones e imagens populares entre desenhistas, ilustradores, designers e estilistas, ou apenas imagens representativas dos aspectos que podem influenciar o artista na sua produção. Estes são fixáveis, ao mesmo tempo em que são transportáveis, para outros pontos da produção artística, pois dispõem de imãs, que possibilitam essa versatilidade.

Procuro desta maneira, atrair o espectador a um olhar mais sensível sobre as identidades, e, no caso de desenhistas, buscarem entender as suas, por meio de intervenção modificando a cena proposta.

No capítulo referente à identidade, no qual falo da identidade do desenhista, trago, além dessas considerações supracitadas, os aspectos de identidade que aparecem no meu desenho, o que completa a compreensão da minha produção.



Figura 1. Produção artística (em processo).

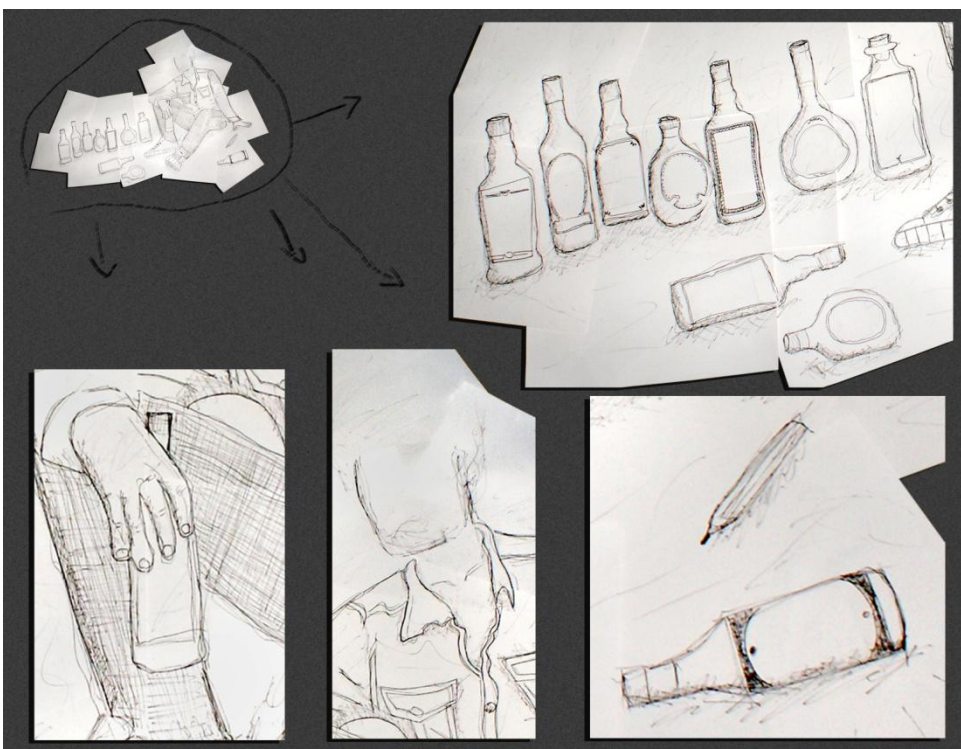


Figura 2. Detalhes da produção artística.

3. O PERCURSO DA ARTE E DO ARTISTA.

3.1 O legado da arte, uma riqueza que agrega.

Como estudante de artes visuais, entendo que ao discorrermos sobre um problema de pesquisa ou uma produção artística, devemos reciclar nossas concepções sobre arte e artista na atualidade, ou simplesmente trazê-las à tona, se estas estiverem bem definidas e coerentes. No meu caso, compreendo que o momento é de rever essas considerações. Procuo neste momento, entender a função e a definição de arte e artista trazendo um olhar sobre como estes eram vistos na antiguidade, e relacionando com o que acontece nos dias atuais. No sentido originário da palavra, Chaui (2002, p. 145) diz que:

[...] *arte* vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: o que é ordenado ou toda atividade humana submetida a regras. Em sentido lato, significa habilidade, dexteridade, agilidade. Em sentido estrito, instrumento, ofício, ciência. Seu campo semântico se define por oposição ao **acaso**, ao **espontâneo** e ao **natural**. Por isso, em seu sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer.

Nesse olhar de Chaui, consideram-se arte, as habilidades médicas, políticas, lógicas, poéticas. Para Farthing (2010) historicamente falando, em todas as sociedades, a produção artística esteve presente. Na Pré-história (4000 a.C), já apareciam pinturas que eram feitas pelos povos antigos, nas paredes de cavernas. Estas tinham um caráter ritualístico, relacionadas com suas crenças e costumes.

Na Grécia (750 a.C) a arte tinha uma função de tributo, “enfeitar prédios públicos, para celebrar vitórias em batalhas, as pessoas famosas e os mortos, e como oferenda aos deuses.” (FARTHING, 2010, p.48). Esculturas e perfeccionismo são palavras que marcam esse período, o qual era desprovido da disparidade entre arte e técnica. Com a chegada da idade média, arte e artista são relegados ao esquecimento e submetidos à igreja e a fins utilitários, como de “pintor real, retratista da burguesia, *ourives*⁹, escultor de peças comemorativas das personalidades ou

⁹Ourives é o profissional que domina as técnicas de Joalheria. Ele executa peças que podem, ou não, ser de sua autoria. Na maioria dos casos o ourives é aquele que produz uma peça baseado em modelos apresentados pelo cliente ou desenhadas por este.

eventos, produtor de vitrais, de mobiliários [...]” (AMARAL, 2003, p.4). Uma mudança significativa acontece com o *renascimento*¹⁰, quando ocorre a volta da arte, esta desencadeada pela queda dos ideais teocêntricos e o surgimento do antropocentrismo *ressignificando*¹¹ o fazer artístico:

A distinção entre as artes da utilidade e artes da beleza, acarretou uma separação entre técnica (o útil) e arte (o belo), levando a imagem da arte como ação individual espontânea vinda da sensibilidade e da fantasia do artista como **gênio criador** (CHAUI, 2002, P.146).

Aparece pela primeira vez na história da humanidade a pessoa do artista, “que embora objetivando a venda de sua produção para sua sobrevivência, pinta em pura especulação.” (AMARAL, 2003, p.4). O artista, neste momento era considerado como possuidor de inspiração. Neste período a produção artística é direcionada ao resgate da cultura clássica, da arte grega, chegando ao início do século XIX. A partir daí, acontece uma ruptura sobre os valores estéticos provocados pelo advento da fotografia. Com ela presente, os pintores acadêmicos que antes priorizavam o nível de realismo vêm este sendo substituído pelo registro fotográfico, o que impulsiona o abandono do academicismo e a abertura de portas para novas possibilidades artísticas. A partir daí é que a arte é considerada como expressão criadora, com o artista passando a ser considerado transmissor da verdade, buscando resolver principalmente os problemas artísticos. É o surgimento da *arte moderna*¹² e dos chamados *ismos*¹³, como impressionismo, expressionismo, cubismo, surrealismo, entre outros estilos artísticos, que vão até os meados do século XX, quando a arte moderna é contraposta pela arte contemporânea, que é o movimento atuante até hoje, também conhecida como arte Pós-moderna, como diz o site ItaúCultural.org¹⁴:

Os balanços e estudos disponíveis sobre arte contemporânea tendem a fixar-se na década de 1960, sobretudo com o advento da arte pop e do minimalismo, um rompimento em relação à pauta moderna, o que é lido por alguns como o início do pós-modernismo. Impossível

¹⁰ Renascimento (1300 – 1650) foi um período de muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica.

¹¹ Resignificar é o ato no qual a pessoa atribui um novo significado a acontecimentos ou objetos através da mudança de sua visão de mundo.

¹² Arte Moderna: Surgida no final do século XIX, durando até os meados do século XX, é um termo utilizado para caracterizar um movimento artístico que marca a recusa das regras acadêmicas, determinando um novo olhar sobre a arte.

¹³ Os chamados Ismos nas artes se referem às nomeações dadas aos movimentos artísticos, utilizando-se da junção do sufixo ismo com uma palavra que conceitue o movimento, por exemplo: expressão – expressionismo.

¹⁴ Arte Contemporânea- definição. Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=354> acesso em 03/06/2011.

pensar a arte a partir de então em categorias como "pintura" ou "escultura".

Acredito na importância da passagem destes movimentos, sem exceção, contribuindo na transformação do artista e da sociedade. E também penso que a arte contemporânea, passa por um desses processos, servindo de alicerce para mais reflexões e sabedorias e transformação do sujeito.

3.2 Arte contemporânea e a boa e nova multiplicidade.

Segundo Anne Cauquelin (2005) arte contemporânea não se trata de um movimento artístico ao qual podemos distinguir características peculiares. Assim como também não deve ser definida simplesmente como a *arte do pleno agora*.¹⁵ Muito mais que isso, a arte contemporânea engloba no contexto atual, inúmeras tendências manifestadas no âmbito da arte. Isso indica a impossibilidade da sua definição ordenada.

Cocchiarale (2006, p. 40) cita um pensamento do crítico Thierre de Duve, onde este diz que:

[...] a pergunta pré-contemporânea (pré-moderna) era “Isso é belo?”, ou seja, quando alguém estava diante de um quadro sabia que era arte, mas não sabia se era belo. Ele diz que no mundo atual o “isto é belo?” foi substituído pelo “isto é arte?”

A indefinição que acontece na arte contemporânea é descrita por Cocchiarale, como sendo alimentada pelo complexo de informações da *rede*¹⁶, dificultando a fixação da identidade do sujeito contemporâneo. O autor chega a citar narrativas fazendo uma analogia entre as características delas com fatores que ele relaciona com identidade do sujeito contemporâneo. No conto *Fausto*¹⁷ de Goethe¹⁸, ele faz semelhança ao ato de barganhar nossas próprias personalidades, quando Fausto, numa escolha entre o bem e o mal, vende sua alma ao Diabo; na narrativa

¹⁵ Grifo do autor: refiro-me a este termo à definição equivocada que por vezes é dada a arte contemporânea, em que se leva ao pé da letra o significado do termo contemporâneo para justificar esse nome.

¹⁶ Grifo do autor: refiro-me a este termo à condição do contexto sociocultural contemporâneo no qual a massificação da informação mantém as pessoas interligadas. E segundo Cocchiarale, uma rede em que a identidade migra de um canto para outro.

¹⁷ Fausto, 1806 é um poema de Goethe, uma obra que relata a vida do personagem Dr. Fausto, que vendeu a alma para o diabo em troca de prazeres terrenos, riqueza e poderes ilimitados.

¹⁸ Johann Wolfgang Von Goethe, um dos mais importantes escritores alemães, 28 de agosto de 1749 (Frankfurt, Alemanha). Morte, 22 de março de 1832.

*Frankstein*¹⁹, ele a relaciona o personagem, que se trata de um ser montado, com a identidade editada do sujeito. Esse sujeito editado (Frankstein) é, segundo Cocchiarale, uma referência ao homem montado pelo próprio homem. Na narrativa *O Doutor e o Monstro*²⁰, Cocchiarale diz que esta faz alusão a divisão da alma, sabendo que O Doutor e o Monstro eram a mesma pessoa, no entanto contendo duas personalidades em conflito; Na narrativa *Drácula*²¹, ele traz o fato de a personagem principal ser um vampiro espalhador de vírus, como menção à contaminação em rede que ocorre na arte contemporânea.

Cauquelin (2005) pondo em questão os valores econômicos da arte deixa a entender que o público, não acostumado com essa diversidade que aparece na arte contemporânea, ainda se vê demasiadamente apegado a estética e ao valor *de época*²². Em concordância com ela, Cocchiarale (2006, p.14) diz que o público massivo procura nas obras apenas o entender, numa arte onde o sentir é um fator necessário para a obra. Para ele “A explicação assassina a fruição estética, já que reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua, direcionando-a num sentido unívoco.”.

Nessa mesma linha, Cauquelin (2005, p.13) comenta sobre a condição confusa em que se encontram os apreciadores de arte diante da arte contemporânea, em que esta acaba fazendo com que eles se voltem às obras consagradas, procurando de uma forma confortável se sentirem cultos. Essa condição influencia na questão econômica da valorização da arte contemporânea. Para ela “Neste caso tratar-se-ia da adesão do público a uma ideologia, a uma idéia convencionalizada do que devem ser a arte, o artista, o mercado”. Contudo ela diz que a visão do espectador sobre as obras não depende só dele, mas de um sistema que envolve a arte. Sistema esse que faz com que a obra passe por produtores, compradores, aficionados, críticos, publicitários, enfim, a má relação do público com a arte contemporânea provém de uma questão de Estado.

¹⁹ Frankstein é um romance de terror gótico com inspirações do movimento romântico, de autoria de Mary Shelley. O romance relata a história de Victor Frankenstein, um estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório. A criatura em determinado momento, foge, e aprende a viver como um ser humano, espionando o cotidiano de uma família pobre de ex-nobres, ali ele também espionava aulas de letras e línguas das crianças da família e lia livros escondido.

²⁰ O Doutor e o Monstro é um livro de ficção científica escrito pelo autor escocês Robert Louis Stevenson e publicado originalmente em 1886. A obra é conhecida por sua representação vívida do fenômeno de múltiplas personalidades, divididas no sentido que dentro da mesma pessoa existe tanto uma personalidade boa quanto má, ambas muito distintas uma da outra.

²¹ Drácula é um romance de 1897 escrito pelo autor irlandês Bram Stoker, tendo como protagonista o vampiro Conde Drácula.

²² Grifo do autor: refiro-me a este termo às obras consagradas por seu valor histórico.

O que se deve entender acerca dessa multiplicidade de sentidos da arte contemporânea, é que, contudo, ela surgiu por algum motivo. Talvez seja a procura pela definição da arte, a qual atualmente vem se desenvolvendo por meio de diversas formas, como a *desestetização*²³ e a fuga da pureza desencadeando na diversidade e na hibridização do ser artístico. Cocchiarale (2006, p. 73) considera que a pluralidade da arte contemporânea intimida os jovens artistas quanto à potencialidade de defender novos movimentos artísticos. “Atualmente a maioria dos jovens artistas supõem que sua obra decorre apenas de vivências e experiências pessoais.”. Esses artistas se abstêm da coletividade por não quererem ou não saberem se inserir nela. Como “A arte contemporânea não é um campo especializado como foi a arte moderna” (COCCHIARALE, 2006, p.15), quem acaba como novo beneficiado dessa situação é o curador²⁴. Este se vê na posição de escolher a temática de cada exposição e de reunir os artistas adequados. Esses pensamentos deixam mais claras as visões de hibridização do ser artístico e dificuldade de reconhecimento do artista, cujo menciono na introdução dessa pesquisa.

À luz destas circunstâncias ressaltadas pelos autores, podemos perceber que a arte contemporânea se posiciona sob o regime da comunicação movido pelas redes, causando uma ruptura sobre valores estéticos da arte moderna e praticamente todo o sistema que a comportava. Duchamp²⁵ por volta de 1915, com os *Ready-mades*²⁶, é quem abre as portas para o surgimento da arte contemporânea e grande parte das questões que ela levanta. Ele trouxe a reflexão sobre as obras de arte, ao utilizar-se de objetos fabricados em série como obra, propondo, a partir disso, um novo olhar sobre o fazer artístico. Segundo Cocchiarale (2006, p.20), Duchamp partiu de uma reflexão sobre o escrito de Da Vinci “pintura é coisa mental” e considerou que, “se é *coisa mental* o fazer não mais integra o

²³ Grifo do autor: refiro-me a este termo como uma citação utilizada por Cocchiarale (2006) fazendo referência ao ato de desconsiderar o belo como atributo principal da obra de arte.

²⁴ Curador é o profissional capacitado responsável pela concepção, montagem e supervisão de uma exposição de arte, além de ser também o responsável pela catalogação da exposição.

²⁵ Henri-Robert-Marcel Duchamp, 28 de julho de 1887 (Blainville-Crevon, França). Morte: 2 de outubro de 1968 (Neuilly-sur-Seine, França). Escultor e pintor surrealista e dadaísta; no começo, pinturas cubistas; inventor do ready-made; alter ego feminino; abordagens bem humoradas sobre a sexualidade.

²⁶O Ready-made nomeia a principal estratégia de fazer artístico do artista Marcel Duchamp. Essa estratégia refere-se ao uso de objetos industrializados no âmbito da arte, desprezando noções comuns à arte histórica como estilo ou manufatura do objeto de arte, e referindo sua produção primariamente à idéia.

trabalho do artista.”. Independente da polarização dessa afirmação, a partir de Duchamp e da arte contemporânea, é que se consideram condições como: a arte não mais dependente de uma *estética*²⁷; a arte integrando diversas linguagens; a posição de artista mais acessível, não mais aquele mito; e a arte não mais somente emoção, mas sim, pensamento; obra, artista e espectador se encontram unidos.

²⁷ Estética é a tradução da palavra grega *aesthesis*, que significa conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade. Foi empregada para referir-se às artes, pela primeira vez, pelo alemão Baumgarten, por volta de 1750. Em seu uso inicial, referia-se ao estudo das obras de arte enquanto criações de sensibilidade tendo como finalidade o belo.

4. DESENHO.

4.1 A linha que diz.

Na esfera da arte contemporânea, o desenho é a linguagem que escolhi para concretizar minha pesquisa, como já menciono na introdução da mesma. Vejo e entendo que ocorreram muitas mudanças no desenho, assim como na própria arte. Neste capítulo, trago pensamentos de artistas desenhistas e teóricos referentes a essa linguagem, buscando inteirar-me nela.

Segundo Passos (2007, p. 67), “Desenho é um termo que pode assumir diferentes significados; traço, registro da forma, projeto, meio de expressão”. Na história da arte, em diversos momentos o desenho aparece apenas como estudo para a obra final. Já no século XX, o desenho surge como linguagem independente. Passos (2007, p. 69) também diz que “O desenho pode ser entendido como um pensar, denunciando um modo de ver o mundo. As linhas podem ser lidas como atitudes isoladas, flashes do movimento de um ponto.”. Essa idéia de desenho como forma de pensar, proposta por Passos, é complementada com o que diz Lizárraga (2007, p.69): “Antes de tudo, o desenho é uma atitude estética e ética que forma parte da educação da pessoa.”. Pasta (2007) faz uma comparação do desenho com a pintura, dizendo que o desenho sempre esteve mais ligado ao intelecto, a análise, enquanto a pintura tem um papel mais sensorial e corpóreo. Grispum (2007, p.107), num trecho de um poema, ressalta essas idéias: “É criar relações entre coisas, dando pesos e valores. É falar de objetos e fazê-los falar. É finalmente alcançar um olhar para a realidade, procurando e achando significados.”.

De forma sintética Sarah Simblet (2004, p.7) expõe sua visão sobre o ato de desenhar. “Ao desenhar o mundo que nos rodeia aprendemos a vê-lo. Ao usarmos nossa imaginação aprendemos a sentir a vida.”. Por meio dessas concepções notamos que o ato de desenhar, muito além de técnica e beleza, também está diretamente ligado aos atos de ver e perceber, servindo como estímulo para a imaginação, desencadeando um diálogo da percepção do desenhista sobre a realidade e também sobre um olhar para si próprio. Simblet (2004, p.7) ressaltando a importância do desenho na formação do indivíduo define-o como uma linguagem

que “ocupa um espaço único na vida de qualquer artista e criador, seja uma criança no ato de descobrir sua visão e habilidade, seja um escultor, um estilista, um arquiteto, um engenheiro [...]”. Ela classifica o desenho como “expressão imediata da visão, do pensamento e do artista” (p.7). Completando essa linha de raciocínio Derdyk (2004, p. 59) diz:

O desenho pode revelar a estrutura e o grau de desenvolvimento do mecanismo intelectual, mas também nasce de uma visão. O olhar, tal como desenhar, são habilidades perceptivas.

A experimentação estética do desenho nos beneficia desde os primeiros contatos. As crianças, segundo Simblet (2004), passam grande parte de seu tempo desenhando, pois com o desenho se divertem e soltam a imaginação. Isso torna o desenho essencial no desenvolvimento delas. No entanto, ela diz que com a chegada da adolescência, essa liberdade é estancada por inibições. Estas, a meu ver, podem estar relacionadas com a questão da identidade, de autoconfiança e do questionamento do belo. Observei nessa constatação uma relação próxima com a minha própria vivência no desenho, quando a autora fala dessa mudança de atitude que ocorre com o atípico *amadurecimento*²⁸ da linguagem, representada pela inibição que acontece neste. Entretanto Simblet (2004) pontua a importância que se deve dar às predisposições naturais, os valores que nos individualizam e não nos prendermos somente a técnica ou valores estéticos convencionais. Lacaz (2007, p.261) diz que em alguns momentos o desenho nos mostra até mesmo o que não queremos ver, principalmente quando não nos satisfazemos com o resultado, “[...] desenho enlouquece. Produz raiva, ódio mortal, sensação desagradável de incapacidade, mostra seus limites.”.

Ao aprofundar a visão sobre o significado de desenho, vemos também que ele não se aplica somente aos limites do papel. A definição de desenho na contemporaneidade se mostra um pouco mais complexa do que parece. Motta (apud, DERDYK, 2007, p. 19) comenta a seguinte narrativa:

Uma ocasião perguntamos a um caipira na cidade de Jambeiro (estado de São Paulo) com quem ele aprendera fazer ‘figurinhas de barro para presépios’? quem lhe dera os modelos? quem lhe ensinara? respondeu, diante de uma pequena escultura: ‘o desenho é meu mesmo.’.

²⁸ Grifo do autor: refiro-me a este termo como uma palavra irônica, já que neste caso o amadurecimento não acontece quanto ao ato de desenhar.

No depoimento deste tal caipira, o desenho aparece como idéia, projeto, pensamento, conceito.

Battaglini (2007, p.111) diz que “O desenho habita a fronteira entre a idéia e a realidade. Desenhar fica no limite entre o imaginar e o fazer, entre os pensamentos e os sentidos.”. Até mesmo em observações técnicas considera-se esse ponto de vista de Battaglini, quando, por exemplo, quando Guasch (2004 p.10), discorrendo sobre forma, classifica para esta, “duas realidades: por um lado, a aparência externa dos objetos (o seu <<corpo>>) e, por outro lado, o modelo mental que temos deles (a sua <<alma>>)”. Ou seja, vemos o objeto na sua forma real, mas representamo-lo de uma forma abstrata e original, expondo nossas particularidades. Dentro desta percepção acerca da forma, o autor classifica duas realidades como “limites e estruturas da forma” (p.12). Guasch (2004) ainda divide em três, as formas de se representar qualquer um destes dois aspectos. A silhueta, definindo somente as extremidades; a representação por linhas de contorno, que traz mais definição e clareza através dos contornos exteriores e interiores; e o claro e escuro possibilitando a noção de volume. Para Guasch a caligrafia revela personalidade e a visão pessoal do artista sobre o mundo.

5. A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE.

5.1 Do artista: indefinida, mas, em movimento.

Para Aristóteles (ABBAGNANO 2003, p. 528) “Em sentido essencial, as coisas são idênticas no mesmo sentido em que são unas, já que são idênticas quando é uma só sua matéria (em espécie ou em número) ou quando sua substância é uma”. Ele diz que a identidade é, de certa forma uma unidade, ou seja, um objeto indivisível, que se identifica por ser único das suas características. Quando relacionamos isso à identidade do sujeito, essa idéia é congruente com uma das classificações de identidade apontada por Hall (2005, p.11), a do sujeito do iluminismo (séc.XVIII). Esta, por René Descartes (1596/1650), dizia que “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” e esta identidade permanecia a mesma durante a vida toda. Hall ainda distingue outras duas concepções de identidade: a do sujeito sociológico baseado em Charles Robert Darwin (1809/1882) e a do sujeito pós-moderno por Althusser (1918/1990). Na concepção de sujeito sociológico, embora ainda se considere a existência de um eu como essência de identidade, já se conhece uma flexibilidade deste, a partir de influências do mundo externo, consideradas importantes para ele:

[...] a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2005, p. 11).

Na concepção de sujeito pós-moderno, a qual o autor classifica como predominante na atualidade, ele diz que o sujeito é considerado como não tendo uma identidade fixa, intrínseca ou imutável. Em concordância, Cocchiarale (2006, p. 18) afirma que “No mundo contemporâneo, as noções de sujeito de indivíduo, de identidade, de unidade estão visivelmente em crise”, para ele, na atualidade essa definição já se tornou praticamente um consenso.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em

diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.(HALL, 2005, p. 13)

Observando de um determinado ponto de vista, todas essas concepções têm de certo modo uma relação com o que diz Aristóteles, quando ele fala em identidade como unicidade. A identidade, pois, é uma unicidade do sujeito, mesmo que esta se altere sucessivamente.

O que está em questão agora não é simplesmente o fim da unidade – o mundo contemporâneo não põe fim na unidade – mas uma outra noção na qual a unidade resultaria não de um núcleo interior profundo, mas de uma, mas da montagem, colagem ou edição de partes e fragmentos, análoga a unidade montada de um produto industrial, de um filme ou de uma ponte de ferro, ou à edição de um vídeo ou de um texto.(COCCHIARALE, 2006, p.64)

No que diz Salles (2009), discorrendo sobre o processo poético do artista, é possível ver uma ligação com a concepção do sujeito pós-moderno citada por Hall, quando ela fala sobre a imersão do artista no contexto em que vive. Dizendo que a relação com o ambiente e com o tempo em que o artista vive é fator influente na sua própria produção. “Anotações de leituras de livros e de jornais e observações sobre espetáculos assistidos ou exposições visitadas são exemplo dessa relação do artista com o mundo que o rodeia. (SALLES, 2009, p.41).” Na atualidade a identidade não se configura como uma plantação (cada planta com sua raiz), pois se trata de um sistema em rede, afirma Cocchiarale (2006). Salles (2009, p.43), porém, acrescenta: “É importante ressaltar que a mera constatação da influência do contexto não nos leva ao processo propriamente dito.”. Ela também fala sobre a influência dos princípios éticos do criador dizendo que estes caminham paralelamente aos seus propósitos estéticos. Ou seja, a obra não é objeto resultante absolutamente do contexto, nem apenas do preferencial estético do autor, pois ela é resultado do conjunto de influências, que são combinadas com as preferências individuais advindas da personalidade de cada artista, esta combinação é tratada por Salles (2009, p. 41) como a aura da singularidade do artista:

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo.

Vendo desta perspectiva, é possível compreender que “O artista não inicia nenhuma obra com uma compreensão infalível de seus propósitos (SALLES, 2009, p.43).” Pois se o artista depende de um tempo e espaço, e, considerando que dentro do próprio projeto de criação este tempo e espaço se altera, a concepção do artista, acerca do que será produzido também pode ser alterada. Se a obra artística fosse resultado de um ato previsto antes mesmo do projeto, não haveria motivo para pesquisa, como também não haveria transformação de pensamento por parte do criador. “O artefato que chega às prateleiras das livrarias, às exposições ou aos palcos surge como resultado de um longo percurso de dúvidas, ajustes, certezas, acertos e aproximações.” (SALLES, 2009, p.29). Entre outros olhares, Salles (2009, p.44) ressalta um sentimento prazeroso, com essa produção processual quando diz que “Há sim uma sensação de aventura.”. Uma das vantagens proporcionadas pela condição da produção do artista relacionada ao contexto em que ele vive, é de que suas obras serão sempre únicas, levando em consideração que o fator tempo e espaço nunca são os mesmos.

E assim é que se vê de forma positiva e real, o desenvolvimento intelectual e humano que a multiplicidade da identidade agrega ao artista no seu processo de criação.

5.2 Identidade na questão da comunicação.

Salles (2009) diz que a produção poética do artista, é um ato comunicador, necessita de compartilhamento, uma espécie de triangulação entre artista, obra e público. A obra tem sua singularidade, mas também faz parte de um sistema, que é o da arte, que se encontra frisado ao tempo da própria arte, da ciência e da sociedade. A autora fala que neste sistema, vemos tanto o artista sendo influenciado pela história quanto ele influenciando o contexto atual. Uma espécie de troca de relações entre a tradição e o presente, na qual o artista recebe e transmite influência. Isso comprova a importância de se conhecer o passado, os artistas que criaram, revolucionaram, ou mesmo os que de alguma outra maneira contribuíram com a arte.

Durante a sua produção, o artista dialoga internamente consigo mesmo, “devaneios desejando se tornar operantes; idéias sendo armazenadas; obras em desenvolvimento; reflexões; desejos dialogando. [...] A obra vai sendo

permanentemente julgada pelo criador [...]” (SALLES, 2009, p.47). Este é um tipo de influência na produção do artista em que só ele percebe. Salles menciona também os leitores particulares dos artistas, fazendo parte de seu processo. Estes têm a função de exercer um olhar sobre a produção do artista, já que este, na maioria das vezes se sensibiliza com sua própria criação perdendo o rigor do olhar sobre ela.

A autora diz que outro aspecto de comunicação que determina parte da obra é a recepção dela, por parte do público e do crítico. Dois modos de recepção díspares, e que comprometem a obra, acarretando em alterações nela.

5.3 Do desenho.

A identidade do desenhista pode ser analisada de diversas maneiras. Muitos desenhistas, além de se individualizarem por meio da sua própria caligrafia, se utilizam de ícones, temas e estilos, dialogando com o público, que por sua vez o identifica não só por meio destas características expostas pelo desenhista, mas também pelo que este mesmo diz a respeito de sua obra, por meio de documentações.

Acredito que a multiplicidade da identidade do sujeito supracitada é refletida na produção artística do desenhista. Neste momento, volto meu olhar para as produções artísticas em desenho, que são divulgados em redes sociais da internet, pelo fácil acesso, diversificação e a disseminação global que essa forma de divulgação vem tendo. Visto que esta forma de exposição apresenta um rico diálogo, abrangente e diversificado, de informações sobre os artistas.

Dentro do campo da *cibercultura*²⁹, podemos afirmar que existe uma série de *subculturas*³⁰ com suas singularidades: idéias, estilos de vida, visões de mundo, rituais, etc. Todas elas colaboram para a formação de um imaginário cibercultural. (CARVALHO, 2008, p.2).³¹

²⁹ A cibercultura é um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual, na qual as redes sociais estão inseridas.

³⁰ A subcultura refere-se a um grupo de pessoas com características distintas de comportamentos que os diferenciam de uma cultura mais ampla da qual elas fazem parte.

³¹ Disponível em:

<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/06_MauroCARVALHO_IISeminarioPPGCOM.pdf> Acesso em 09/06/2011.

Adoto como ferramenta de análise o meu próprio olhar sobre essas produções aliado aos referenciais teóricos que busquei assim como também um olhar empírico que se tem a essas produções tão atuais.

Para exemplificar o que falo acerca do que aparece na identidade destes desenhistas de redes sociais, trago dois artistas deste âmbito, cujos menciono na introdução desta pesquisa. São eles: Mariana Abasolo e Virgílio Neto.

Mariana Abasolo é paulistana de 24 anos, trabalha com desenhos e pinturas em diversos formatos e materiais. Tem um traço solto e aparentemente desprezioso demonstrando sua preferência pela imperfeição no desenho. Ela trabalha sobre uma pesquisa aos mitos, e ao mistério necessário na vida de cada um. Utiliza-se de personagens reais em ambientes fantasiosos, como também o inverso disso. Algumas de suas obras contêm “personagens cosmopolitas, futuristas e miscigenados, mesclados a uma iconografia ancestral, característica marcante do seu trabalho.”.³²

A artista teve seus trabalhos expostos em mostras como “Fé no mistério” (mostra individual em São Paulo) e “Causas naturais” (mostra coletiva realizada em Belo Horizonte), além de participações em publicações internacionais como as (Atypica, Citizen-K, + Soma, International Illustrated, Floating World, Rückenälte).

Ou outro artista, Virgílio Neto, trabalha também com desenho e pintura, mora em Brasília e tem 24 anos.

Dono de uma técnica refinada, o palco do artista Virgílio Neto é o papel. É ali em plena liberdade que ele constrói seu universo, em meio de manchas, texturas, cores e um desenho visceral. Se deparar com os trabalhos do jovem artista é ser invadido por sentimentos paradoxais: ternura e medo, belo e bizarro, choque e delicadeza. Virgílio colabora com o tom inverso das coisas, nos faz vê-lo por meio dos nossos medos, questionamentos e emoções.³³

O artista teve diversas exposições nacionais e internacionais, entre elas o projeto “Brick Lane Open Gallery” (mostra coletiva), na qual obras se desprendem das galerias, são expostas ao ar livre em pontos movimentados de Londres.

Virgílio colabora com o tom inverso das coisas, nos faz vê-lo por meio dos nossos medos, questionamentos e emoções. Isso se torna claro

³² Fé no Mistério. MANTOVANINI, Mariana. Disponível em:

<<http://arteref.com/artref/index.php/noticias/view/1972/artesPlasticas>>, acesso em: 09/06/2011.

³³ Fé no Mistério, com artista Mariana Abasolo/ Laboratório Objeto Escarlate, com Rimón Guimarães. Disponível em <http://sp-arte.com/web/artistas/?A&2011-SP_ARTE-2011-7---0-V-11466-VIRGILIO_NETO>, acesso em: 09/06/2011.

à medida que - em meio a balaclavas, erotismo, cães e poesia - fui descobrir que sua 'Eneida' tinha a forma de rabiscos. (BOLLIGER)³⁴.

Dentro dos aspectos que caracterizam a identidade dos desenhistas de redes sociais, um dos que mais marcam na atualidade é o uso de sinais *iconográficos*³⁵ e *iconológicos*³⁶ popularizados nas redes sociais. Estes surgem muitas vezes de tendências de moda, como o estilo *navy*³⁷, que trouxe o ícone da âncora, que se tornou popular entre diversos desenhistas. Outros ícones também aparecem bastante, como o triângulo, fazendo referência iconológica à evolução. É incontável o número de ícones que aparecem e são popularmente adotados pelos desenhistas, ilustradores e designers. Alguns exemplos são: diamantes; coroas; corações; caveiras; objetos antigos como rádio, fazendo referência ao estilo *vintage*³⁸, e até mesmo animais, como coruja, lobo e urso. Contudo, vale lembrar que há muitos desenhistas que criam sua própria iconografia, ou ressignificam os ícones já conhecidos. Esse tipo de iconografia popular entre as redes sociais é freqüente em desenhos de Abasolo e aparecem de forma inusitada, como a âncora sobre a cama na imagem 4. Além disso, também dispõe de ícones criados por ela mesma, e que aparecem em diversos desenhos, como a figura da onça na imagem 5.

³⁴ BOLLIGER, Juliana. Disponível em: <www.virgilioneto.com>, acesso em: 09/06/2011.

³⁵ Iconográfico refere-se ao estudo da iconografia. Ou seja, das formas de linguagem visual que se utiliza para representar determinado tema. Ela estuda da origem da formação das imagens.

³⁶ Iconológico refere-se ao estudo da iconologia, cujo objetivo é o estudo de ícones ou de simbolismo em representação visual (arte). Ou seja, a interpretação de um tema, através do estudo abrangente do contexto cultural e histórico do objeto de estudo.

³⁷ Navy ou Náutico é um estilo clássico da moda. Desde a década de 20, o estilo vai e volta no universo fashion cada vez mais forte e faz referência ao vestuário dos marinheiros e também alude ao ambiente em que estes convivem.

³⁸ O termo vintage é referente a um estilo que alude à um retorno ao passado. Ou seja, como se imitasse um estilo anterior que pode ser na moda, decoração ou, até mesmo, presente em uma obra literária.



Figura 4. Sem título.
Mariana Abasolo.

<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>



Figura 5. Sem título.
Mariana Abasolo.

<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>

Esses ícones que aparecem nos trabalhos de Abasolo serviram-me de inspiração para a idéia da própria utilização de ícones em minha produção artística. O fato de ela usar os ícones populares em alguns momentos, às vezes os ressignificando, e outras vezes criando sua própria iconografia, me inspiraram a trabalhar em ícones populares e também criados por mim. Porém estes dispostos à intervenção do público para que, através de uma recombinação dos elementos na produção, proporcionasse novos significados que nem eu mesmo teria pensado.

Outra forma de identificação que aparece na produção dos desenhistas é a partir das temáticas utilizadas, como o desenho de paisagens, os temas *surrealistas*³⁹, os anatômicos, os lúdicos, entre outros. Como dito anteriormente, Abasolo trabalha questões míticas e de mistério, já Virgílio Neto permeia entre temáticas como a mistura de sensações visuais, o erotismo e o próprio conceito de desenho.

Meus desenhos são reflexos e reflexões. Sou inspirado pelo que me cerca, pelos que me tocam, pelo que vejo, pelos lugares que vou. O Brasil: suas festas, seus gostos, suas cores. O tempo: histórias, registro antigos, mistérios. A moda: o fetiche, a não-identidade, o

³⁹O Surrealismo foi um movimento artístico e literário surgido primeiramente em Paris dos anos 20, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais. Reúne artistas anteriormente ligados ao Dadaísmo ganhando dimensão internacional.

corpo como suporte. A arte: os que fizeram, os que fazem. (VIRGÍLIO NETO).⁴⁰



Figura 6. Sem título.
Mariana Abasolo.

<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>



Figura 7 Sem título. Virgílio Neto.

www.virgilioneto.com

Em minha produção a temática que fica, é a identidade do artista, representada através das idéias de construção e transformação do sujeito.

Também identificamos a produção do desenhista através do seu traço, que é uma tradução psicológica da sua personalidade. O que diz Guasch (2006, p.9) mencionando o pintor serve também como entendimento para o desenhista: “Quando o pintor se propõe a experimentar com o traço, penetra num trabalho de autoconhecimento pessoal. Primeiro através do gesto, pelo qual liberta a sua própria

⁴⁰ Virgílio Neto. Disponível em: <www.virgilioneto.com>, acesso em: 09/06/2011.

energia e com ela as suas paixões, os seus anseios, e temores.”. As características de traço são analisadas em dois aspectos. No traço gestual e no traço de textura.

Os traços gestuais definem formas ou concentram a energia em pontos e zonas concretas (figurativas ou abstratas). A este nível, os gestos podem ser descritivos, precisos e diretos, definindo habilmente os objetos, ou suaves, esfumados e vaporosos, de modo a insinuá-los numa atmosfera tênue. Quanto à intensidade podem ser frágeis, quebradiços e débeis, transmitindo vulnerabilidade e decadência, ou enérgicos, dinâmicos e apaixonados, convidando a viver intensamente (GUASCH, 2006, p. 14).

A expressividade do traço de Virgílio Neto nos faz observar uma combinação harmônica sobre aspectos divergentes, como por exemplo, um traço quebradiço e aparentemente débil, ao mesmo tempo em que é convidativo e intenso. Guasch (2006) ainda afirma que se pode perceber a partir do traço [...] gestos primitivos, esquemáticos e elementares [...] (p.14) Nos desenhos de Abasolo, fica marcante o traço primitivo⁴¹, através da simplicidade das linhas que definem o desenho e perspectiva disforme. Esse tipo de traço é decorrente de experiências estéticas da sua infância.

Acho que o que me inspirava mesmo eram os videogames, desenhos da TV, embalagens de coisas e meu avô, que pintava. Lembro de uns meninos no colégio que desenhavam o Pateta igualzinho, e pra mim era impressionante! Isso me fazia ficar triste com a minha falta de habilidade e me fez deixar o desenho um pouco de lado (risos). Mas durou pouco tempo, eu comecei a gostar mais dos meus desenhos que do Pateta e ficou tudo bem. (ABASOLO)⁴².

⁴¹ Grifo do Autor: refiro-me a este termo como uma relação ao estilo de pintura primitivista, utilizando desta forma, o conceito de primitivo, de perspectiva disforme, fora dos padrões acadêmicos, com aspecto de ingenuidade.

⁴² ABASOLO. Disponível em: <<http://www.maissoma.com>>, acesso em 09/06/2011.



Figura 8 Sem título. Mariana Abasolo.
<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>



Figura 9 Sem título.
 Virgílio Neto. www.virgilioneto.com.br

No traço de textura, Guasch (2006, p.14) diz que podemos, a partir delas, termos sensações táteis, e que, a partir dessas aparências se dão denominações às texturas como:

[...] pesado/leve, áspero/suave, mole/duro, rígido/móvel, liso/acidentado (partido, pregueado, cortante, poroso, esburacado, pontiagudo, estriado, rachado...), frio/quente, seco/húmido, regular/irregular, consciente/inconsciente, líquido/viscoso, sólido/gasoso.

Podemos ver texturas impressas por marcas de objetos, que dão realismo, ou também raspadas, intervindo fisicamente no suporte. Há também texturas mais clássicas, como gráficas, reticulares e tramas, ou mesmo mais visuais como as “esfumadas, atmosféricas e vaporosas, que recordam sensações quentes e ambientais.” (GUASCH, 2006, p.14). Na contemporaneidade, muitos desenhistas

utilizam colagens, feitas tanto manualmente quanto virtualmente, com uso de revista, ou retiradas da internet. Virgílio Neto trabalha com uma mistura de texturas, de recortes de revista a materiais pastosos, como a própria tinta, que em excesso proporciona essa sensação. Já Abasolo, costuma fazer as texturas, com seu próprio traço.

Na minha produção aparecem traço textura e forma, estas traspassando um ar de precaução e insegurança no traço, preocupação com rotulações, acompanhada de uma dose de pressa, em decorrência ao próprio tempo de produção, a qual que se deu na reta final do projeto, e, também pela minha própria personalidade, de impaciência na produção. Minha ausência de produção acarreta numa frustração, já que sempre gostei de desenho, e mesmo assim não produzo como deveria. Entre outros pensamentos me sinto Influenciado também por este sentimento.

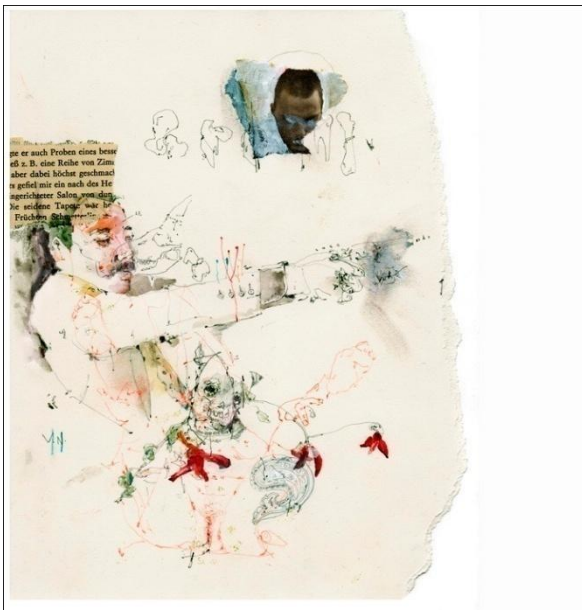


Figura 10. Sem título.
Virgílio Neto. www.virgilioneto.com.br



Figura 11. Sem título. Mariana Abasolo.
<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>

Guasch (2004) fala da diversidade da forma no desenho. Formas dinâmicas, volumétricas, espaciais, orgânicas, planas, futuristas, curvilíneas, líquidas... (classificadas pela origem, estrutura, ocupação espacial, ritmo, nitidez e complexidade). O dois artistas trabalham formas sintéticas, porém, vemos no trabalho de Virgílio Neto uma mistura de formas, o que traz movimento e complexidade. Suas formas inacabadas e desfiguradas deixam um ar de futurismo e experimentação. No desenho de Abasolo, as formas curvilíneas e simples lembram desenhos de infância.



Figura 12. Sem título.
Virgílio Neto
www.virgilioneto.com.br



Figura 13. Sem título. Mariana Abasolo.
<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>

Como falo na apresentação da minha produção artística, ela é uma proposta de refletir sobre a identidade do desenhista na atualidade, mas antes de tudo ela é resultado de uma pesquisa e um processo de criação, que inclui influências, como por exemplo dos próprios artistas referenciais. Trago na minha produção a figura de um bêbado em sua embriaguês artística e de crise de identidade, propondo uma tradução simbólica da condição de confusão de identidades, presente na arte contemporânea. A própria simbologia do ato de embriaguês traz esse sentimento,

mencionando a perda de sentidos, desencadeada pela hibridização do ser artístico. Essa alusão é reforçada na pelo rosto do suposto artista, que indefinido, traduz a sua falta de identidade.

As falas dos teóricos, acompanhadas pelos depoimentos e produções dos artistas, nos fazem ter uma noção de como surge a identidade do artista na atualidade. Vemos as produções destes dois artistas e percebemos que estas produções se dão a partir de suas vivências, que são diferentes em cada artista, nos quais a identidade vai se transformando conforme as influências externas munidas dos gostos e ponderações pessoais de cada artista, como também descrevem os teóricos.

Observamos também influências baseadas nas mudanças freqüentes que acontecem na arte, como nas duas produções dos desenhistas, nas quais aparecem expressões alternativas, como o desenho de Abasolo que foge aos padrões acadêmicos e o desenho de Virgílio Neto, fugindo da pureza visual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, pude presenciar em mim mesmo, a concretização dos resultados e mudanças de pensamento, dos quais os teóricos dizem acerca do processo de criação das obras e de construção da identidade. Para mim, uma experiência que se configura como a maior das provas no que se refere às considerações apresentadas pelos autores. Tudo isso foi complementado pela comparação feita entre os desenhistas, na qual a cada item em que eu analisava neles, era possível relacionar com a minha produção, mesmo ela não sendo muito ampla. Pude entender de que forma se comportam os aspectos como traço, forma, bem como analisar minha produção, com base nessas ponderações.

Busquei nesta pesquisa um olhar mais apurado sobre o que acontece nas produções artísticas do desenhista, o que revela a sua identidade, e pude com ela entender quais são as influencias externas que transformam a identidade do artista, neste caso desenhista. Condições éticas, estéticas, formação particular do olhar a

partir da recepção de informações do contexto, e também aspectos psicológicos, foram algumas das principais influências externas apontadas pelos autores, como formadoras de identidade. Tudo isso visto na produção dos desenhistas selecionados e também na experiência da minha própria produção.

Com a experiência da exposição e o contato do público, consegui perceber, de forma concreta as considerações supracitadas na minha produção textual, podendo perceber na minha produção artística valores polissêmicos nesta, quando observava a reação diferente de cada pessoa que intervinha na produção. Os ícones, os quais eu esperava ver posto apenas um em cada garrafa (que aparece no desenho), eram às vezes postos dois ou três, se fundindo, sendo ressignificados pelo espectador, ressignificando também a obra, e a partir disso, transformando-a numa obra em movimento, influenciada pelo mundo externo, como menção à identidade do desenhista na atualidade. A seguinte imagem é referente à produção artística durante a exposição, mostrando estas modificações ocorridas e o posicionamento dos ícones nela, para melhor entendimento.



Figura 14. Sem título Detalhes da minha produção exposta.

Considero bons os resultados dessa pesquisa, do ponto de vista que para o público ela contribui na formação do olhar construindo uma noção sobre a identidade do desenhista, livre de rotulações, e, para os artistas ajudando a refletir e entender suas identidades, por meio do conhecimento dos aspectos influentes nela.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003

AMARAL, Aracy A. **Arte para quê?: a preocupação social da arte brasileira, 1930-1970 : subsídios para uma história social da arte no Brasil**. 3.ed São Paulo: Nobel, 2003.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 2004.

PASTA, Paulo. **Por que desenho**. In: DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

PASSOS, Maria José Sptieri Tavoraro. **Havia uma linha esperando por mim: conversas com Lizárraga**. In: DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

LIZÁRRAGA, Antonio. **Havia uma linha esperando por mim: conversas com Lizárraga**. In: DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

GRISPUM, Ester. **Do desenho**. In: DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

LACAZ, Guto. **Desenho**. In: DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

BATTAGLINI, Arnaldo. **A fronteira como território**. In: DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

FARTHING, Stepheng. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

GUASCH, Gemma; ASUNCIÓN, Josep. **Forma: pintura criativa**. Lisboa: Estampa, 2004.

GUASCH, Gemma; ASUNCIÓN, Josep. . **Traço**: pintura criativa. Lisboa: Estampa, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.

SIMBLET, Sarah. **Desenho**. Londres: Dorling Kindersley, 2004.

8. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Arte Contemporânea – Definição. Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=354>, acesso em 03/06/2011.

CARVALHO, Mauro Schulz de. **O pós-humano representado na rede.** Rio De Janeiro. Trabalho apresentado no II Seminário Interno PPGCOM UERJ – Grupo Temático: Novas Tecnologias (Mix), disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/06_MauroCARVALHO_IISeminarioPPGCOM.pdf>, acesso em 09/06/2011.

Fé no Mistério, com artista Mariana Abasolo/ Laboratório Objeto Escarlate, com Rimon Guimarães. Disponível em:

<<http://arteref.com/artref/index.php/noticias/view/1972/artesPlasticas>> Acesso em 09/06/2011.

Virgílio Neto. Disponível em: <http://sp-arte.com/web/artistas/?A&2011-SP_ARTE-2011-7---0-V-11466-VIRGILIO_NETO>. Acesso em 09/06/2011.

Fé no Mistério. MANTOVANINI, Mariana. Disponível em:

<<http://www.maissoma.com/2010/6/14/entrevista-mariana-abasolo-por-marina-mantovanini>>, acesso em: 09/06/2011.

Artistas ligados ao desenho falam de dificuldades criativas e das técnicas.

Disponível em:

<http://www.divirtase.uai.com.br/html/sessao_7/2011/03/25/ficha_agitos/id_sessao=7&id_noticia=36612/ficha_agitos.shtml>, Acesso em: 09/06/2011.

ABASOLO, Mariana. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/abasolo/>>, Acesso em: 09/06/2011.

BOLLIGER, Juliana, Disponível em: <www.virgilioneto.com>, acesso em: 09/06/2011.